



Agressões, abusos e maustratos durante a graduação em medicina

Aggression, abuse and mistreatment during medical graduation

Agresiones, abusos y maltratos durante la graduación médica

Thomás Luiz Santos¹, Alexandre de Araújo Pereira¹, Eliane Perlatto Moura¹, Maria Aparecida Turci¹.

RESUMO

Objetivo: Avaliar a percepção dos acadêmicos de medicina sob reações e maus-tratos durante a graduação, identificando perpetradores, tipos de violência e associando variáveis acadêmicas e sociodemográficas. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal e quantitativo, realizado com 237 estudantes de medicina de Minas Gerais, entre novembro de 2020 e março de 2021. Os participantes preencheram um questionário on-line contendo questões sociodemográficas e o questionário *Perceptions of medical students on their learning environment*. A análise dos dados foi composta por estatística descritiva e análise univariada, utilizando teste Qui-quadrado de Pearson ou teste exato de Fisher, com auxílio do Stata, versão 15.1. **Resultados:** A violência verbal, como gritos, afetou 62,1% dos participantes, enquanto a humilhação alcançou 77,9%. Tarefas punitivas e crédito indevido por trabalhos foram relatados por 34,2% e 66,3%, respectivamente. Assédio sexual e discriminação atingiram 59,6%, e 4,2% relataram agressão física, com 10,4% mencionando ameaças. Colegas (89,2%) e professores (87,1%) emergiram como principais perpetradores, incluindo médicos e preceptores. **Conclusão:** A frequência de agressões foi alta, destacando a depreciação ou humilhação como a forma mais comum de violência. Faz-se necessária a implementação de um código de conduta ética e ouvidorias capacitadas para prevenir e responder a essas situações de violência nas instituições de Ensino.

Palavras-chave: Educação médica, Violência, Agressão, Bullying, Estudantes de medicina.

ABSTRACT

Objective: To assess the perceptions of medical students regarding aggression and mistreatment during their studies, identifying perpetrators, types of violence, and associating academic and sociodemographic variables. **Methods:** This is a cross-sectional and quantitative study conducted with 237 medical students from Minas Gerais between November 2020 and March 2021. Participants completed an online questionnaire that included sociodemographic questions and the "Perceptions of Medical Students on Their Learning Environment" questionnaire. Data analysis consisted of descriptive statistics and univariate analysis, using Pearson's Chi-square test or Fisher's exact test, with the aid of Stata, version 2.0. **Results:** Verbal violence, such as shouting, affected 62.1% of participants, while humiliation reached 77.9%. Punitive tasks and undue credit for work were reported by 34.2% and 66.3%, respectively. Sexual harassment and discrimination affected 59.6%, and 4.2% reported physical aggression, with 10.4% mentioning threats. Colleagues (89.2%) and professors (87.1%) were identified as the main perpetrators, including doctors and preceptors. **Conclusion:** The frequency of aggression was high, with depreciation or humiliation as the most common

¹ Programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde da Universidade Prof. Edson Antônio Velano – Unifenas, Belo Horizonte – MG.

form of violence. It is necessary to implement an ethical code of conduct and establish competent ombudsman offices to prevent and respond to these violent situations within educational institutions.

Keywords: Medical education, Violence, Aggression, Bullying, Medical students.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar la percepción de los estudiantes de medicina sobre agresiones y maltratos durante la carrera, identificando perpetradores, tipos de violencia y asociando variables académicas y sociodemográficas. **Métodos:** Estudio transversal y cuantitativo realizado con 237 estudiantes de medicina de Minas Gerais entre noviembre de 2020 y marzo de 2021. Los participantes respondieron un cuestionario en línea con preguntassociodemográficas y el cuestionario "Perceptions of Medical Students on Their Learning Environment". El análisis de los datos consistió en estadística descriptiva y análisis univariante, mediante la prueba Chi-cuadrado de Pearson o la prueba exacta de Fisher, con ayuda de Stata, version. **Resultados:** El 62,1% de los estudiantes sufrió violencia verbal (gritos), y el 77,9% experimentó humillación. Tareas punitivas y créditos indebidos fueron reportados por el 34,2% y el 66,3%, respectivamente. El acoso sexual y la discriminación afectaron al 59,6%. El 4,2% reportó agresión física y el 10,4% mencionó amenazas. Los principales perpetradores fueron compañeros (89,2%) y profesores (87,1%), incluidos médicos y tutores. **Conclusión:** Las agresiones fueron frecuentes, con la humillación como la forma más común. Se requiere implementar un código de conducta ética y establecer oficinas capacitadas para escuchar y responder eficazmente a estas situaciones en las instituciones de educación.

Palabras clave: Educación médica, Violencia, Agresión, Bullying, Estudiantes de medicina.

INTRODUÇÃO

A formação médica no Brasil é marcada por sua complexidade, longa duração e crescente competitividade, decorrente do significativo aumento no número de escolas médicas (NASSIF ACN, 2019). Nesse contexto, os estudantes podem ser expostos a diversas formas de abuso durante a graduação, impactando negativamente sua saúde mental e desempenho acadêmico (CONCEIÇÃO LS, et al., 2019).

Diversos estudos têm mostrado que a violência durante a formação médica é um problema global. Em um estudo, realizado nos Estados Unidos, 96,5% dos estudantes relataram ter sofrido algum tipo de violência psicológica durante o curso (BALDWIN JÚNIOR DC, et al., 1991), enquanto no Brasil, a ocorrência de abusos durante a graduação chega a 92,31%, sendo os próprios estudantes os principais perpetradores (BARRETO A, et al., 2015).

Entre as formas de violência mais frequentes na graduação em medicina estão o assédio moral, o assédio sexual, a discriminação e o bullying (MARQUES FA et al., 2012; HSIAO EC et al., 2021). O assédio moral envolve condutas abusivas que prejudicam a dignidade ou integridade do indivíduo (MARQUES FA, et al., 2012), enquanto o assédio sexual inclui desde comentários inadequados até coerção sexual (HIS AO, et al., 2021). A discriminação ocorre com base em características sociais, de gênero, religião ou etnia, criando ambientes hostis (LOPES NETO AA, 2005).

Essas formas de violência, recorrentes na graduação em medicina, afetam diretamente a saúde mental dos estudantes, contribuindo para transtornos como depressão, ansiedade e burnout (LIMA MCP, et al., 2005; FNAIS N et al., 2006). A exposição a esses abusos têm consequências significativas para a saúde mental dos estudantes, aumentando os índices de ansiedade, depressão e burnout (HILL MR, et al., 2018).

O ambiente de ensino permissivo ao assédio, onde a falta de respeito nas relações interpessoais prevalece, pode prejudicar o desempenho acadêmico e impactar negativamente a qualidade do cuidado ao paciente (BENEVIDES-PEREIRA AMT e GONÇALVES MB, 2009). A exposição constante a esses abusos afeta o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, prejudicando a tomada de decisões clínicas e contribuindo para erros médicos (ISEN AM, et al., 1991). Além disso, pode influenciar negativamente a escolha de carreira

e gerar uma perpetuação de comportamentos abusivos, com os médicos replicando as atitudes que sofreram durante a formação (LEISY HB e HMAD M, 2016). Usualmente, os principais perpetradores desses abusos são os próprios membros da comunidade acadêmica, incluindo professores, residentes e colegas. Estudos apontam que professores e preceptores são responsáveis por grande parte dos casos de assédio moral e discriminação, utilizando sua posição hierárquica para práticas abusivas (WEISS J, et al., 2021).

Residentes e médicos assistentes também são frequentemente mencionados como agressores, especialmente em ambientes hospitalares de alta pressão e estresse (FRANK E, et al., 2006). Além disso, colegas de turma podem ser perpetradores de bullying e exclusão social, agravando o ambiente hostil (BARRETO A, et al., 2015).

O presente estudo teve como objetivo descrever a percepção dos alunos sobre agressões, abusos e maus tratos ocorridos durante a graduação em medicina em Minas Gerais, identificar os perpetradores e associar as variáveis acadêmicas e sociodemográficas a essas possíveis agressões.

MÉTODOS

Este estudo quantitativo observacional, do tipo transversal investigou a ocorrência e o perfil de agressões, abusos e maus-tratos sofridos por estudantes de medicina em Minas Gerais. A população estudada consistiu de alunos do 3º ao 12º período de 48 instituições públicas e privadas, entre 1º de novembro de 2020 e 31 de março de 2021.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online autoaplicável contendo 29 itens para avaliar as características sociodemográficas, socioeconômicas e acadêmicas da amostra e o instrumento "Perceptions of medical students on their learning environment" de Rautio A et al. (2005), validado para o português por Barreto A et al. (2015). O instrumento visa estimar a ocorrência e o perfil de agressões, abusos e maus-tratos sofridos por estudantes de medicina durante a formação. Abordou violência verbal (gritos), psicológica (humilhação, tarefas punitivas, ameaças, discriminação), sexual (assédio, discriminação sexual) e física (agressões). Os respondentes indicam os perpetradores (professores, estudantes, médicos etc.) e a frequência em que a situação de violência ocorre, através da escala Likert de cinco pontos: Nunca ou Raramente (1-2), às vezes (3-4), Frequentemente (5). Questões adicionais do questionário avaliam o incômodo causado e a percepção de violência com colegas. Um pré-teste foi conduzido para assegurar a compreensão e a facilidade de preenchimento. O recrutamento dos participantes foi feito via e-mail e WhatsApp com o auxílio dos coordenadores da Sociedade de Acadêmicos de Medicina de Minas Gerais (SAMMG) e a participação era confirmada após leitura e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes que não preencheram completamente o questionário foram excluídos da análise.

Análise estatística envolveu descrições das variáveis sociodemográficas e acadêmicas, com médias e intervalos de confiança para variáveis numéricas e percentuais para variáveis categóricas. Análises univariadas foram realizadas utilizando o teste t de Student para variáveis contínuas e o teste Qui-quadrado de Pearson ou teste de Fisher para variáveis categóricas. A ocorrência de violência foi considerada "presente" quando o respondente relatava a ocorrência do episódio pelo menos uma vez (respostas -Raramente, Às vezes e Frequentemente). O estudo seguiu as diretrizes éticas estabelecidas para pesquisas envolvendo seres humanos, com aprovação do comitê de ética correspondente e respeito às normas vigentes, CAAE: 31793419.7.0000.5143; Parecer: 4.248.889.

RESULTADOS

Características sociodemográficas da população estudada:

A amostra do estudo incluiu 237 estudantes de medicina que responderam completamente ao questionário. Destes, 15,6% estudavam em instituições com metodologia PBL, 57,4% em metodologia tradicional e 27% em metodologia mista. A maior participação foi dos alunos do 8º período (19,2%) e do 6º

período (15,4%). A idade média dos participantes foi de 23,9 anos, com predominância do sexo feminino (76,5%). Quanto ao estado civil, 41% eram solteiros, 47,7% namoravam e 10,9% eram casados; 3,8% possuíam filhos.

Em relação à religião, 45,4% eram católicos, 15,8% agnósticos e 13,7% espíritas. A maioria se identificou como branca (71,9%), seguida por parda (23,8%) e preta (2,9%). A renda média familiar foi de R\$ 20.049,00, refletindo no custeio do curso: 77% financiado pelos próprios alunos, 5,4% com bolsa FIES, 3,3% com bolsa PROUNI, 1,3% com bolsa SINPRO e 13% com outros financiamentos. As mães de 44,1% dos estudantes possuíam ensino superior completo e 20,6% tinham pós-graduação; para os pais, esses percentuais foram de 41% e 18,8%, respectivamente.

Nas características pessoais, 1,3% dos alunos relataram deficiência auditiva, 0,4% visual e 0,4% física. Sobre orientação sexual, 84,5% eram heterossexuais, 4,6% homossexuais e 10,1% bissexuais. Apenas 34,2% estavam satisfeitos com sua aparência, e 33% se consideravam acima do peso. No total, 41,3% já realizaram acompanhamento psicológico e 21,2% estavam em acompanhamento no momento da pesquisa; 31,6% utilizavam medicação para saúde mental, enquanto 41,4% não faziam uso. Em relação ao consumo de álcool, 22,5% nunca consumiram, 35% consumiam de 2 a 4 vezes por mês, 27,5% uma vez por mês ou menos, 13,7% de duas a três vezes por semana e 1,3% quatro ou mais vezes por semana.

Academicamente, 18,3% dos alunos haviam reprovado em alguma disciplina ou bloco de estudos. Sobre o conhecimento da existência de Núcleos de Apoio aos Estudantes de Medicina em suas instituições, 67,2% não conheciam, 23,9% conheciam mas nunca foram atendidos e 8,1% já haviam sido atendidos. A satisfação com o curso foi elevada, com 97,5% dos alunos declarando-se satisfeitos.

Percepção de assédio e discriminações sofridas

Observou-se uma alta ocorrência de agressões, abusos e maus-tratos durante a formação acadêmica. A violência verbal foi relatada por 62,1% dos participantes, que afirmaram ter sido alvo de gritos e berros, gerando incômodo em 91,7% desses casos. Além disso, 81,4% perceberam que colegas também passaram por situações semelhantes.

A violência psicológica foi ainda mais frequente: 77,9% dos alunos sofreram depreciação ou humilhação, com 94,3% sentindo-se incomodados. Tarefas com finalidade punitiva foram atribuídas a 34,2% dos estudantes, e 66,3% relataram que alguém recebeu crédito por um trabalho realizado por eles. Ameaças de prejuízo acadêmico afetaram 39,6% dos alunos, enquanto comentários desconfortáveis sobre a aparência foram mencionados por 37,9%.

Comentários pejorativos sobre reprovações anteriores ocorreram com 34,6% dos estudantes, e 46,2% receberam comentários negativos sobre sua futura profissão ou carreira científica. Alarmantemente, 64,6% foram solicitados a fazer algo que consideraram imoral, antiético ou inaceitável. Ameaças de agressão física foram relatadas por 10,4% dos participantes, e 21,2% sofreram discriminação étnica, religiosa ou racial, principalmente através de comentários inadequados sobre raça ou etnia (66,7%).

A violência física direta, como ser estapeado, chutado ou agredido, foi relatada por 4,2% dos estudantes. No entanto, a violência sexual apresentou índices preocupantes: 59,6% dos alunos sofreram assédio ou discriminação sexual. As formas mais comuns incluíram comentários sexistas (89,4%), fofocas maliciosas (51,8%), favoritismo (49,6%) e avanços de cunho sexual (29,8%).

Em relação aos perpetradores, os colegas foram os mais citados (89,2%), seguidos por professores (87,1%), médicos (52,9%), preceptores (47,1%) e pacientes (45%). Residentes, enfermeiros e outros profissionais de saúde também foram apontados como autores das agressões.

A maioria das situações gerou incômodo significativo entre os estudantes e muitos relataram perceber que colegas também eram vítimas dessas agressões, indicando que tais comportamentos são comuns no ambiente acadêmico. Esses dados evidenciam a necessidade urgente de intervenções para melhorar o ambiente de formação médica e promover a saúde mental e bem-estar dos estudantes (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Frequência de agressões, abusos e maus-tratos durante o curso entre estudantes de medicina de Minas Gerais por tipo de violência, incômodo gerado, percepção de ocorrência com colegas e perpetradores.

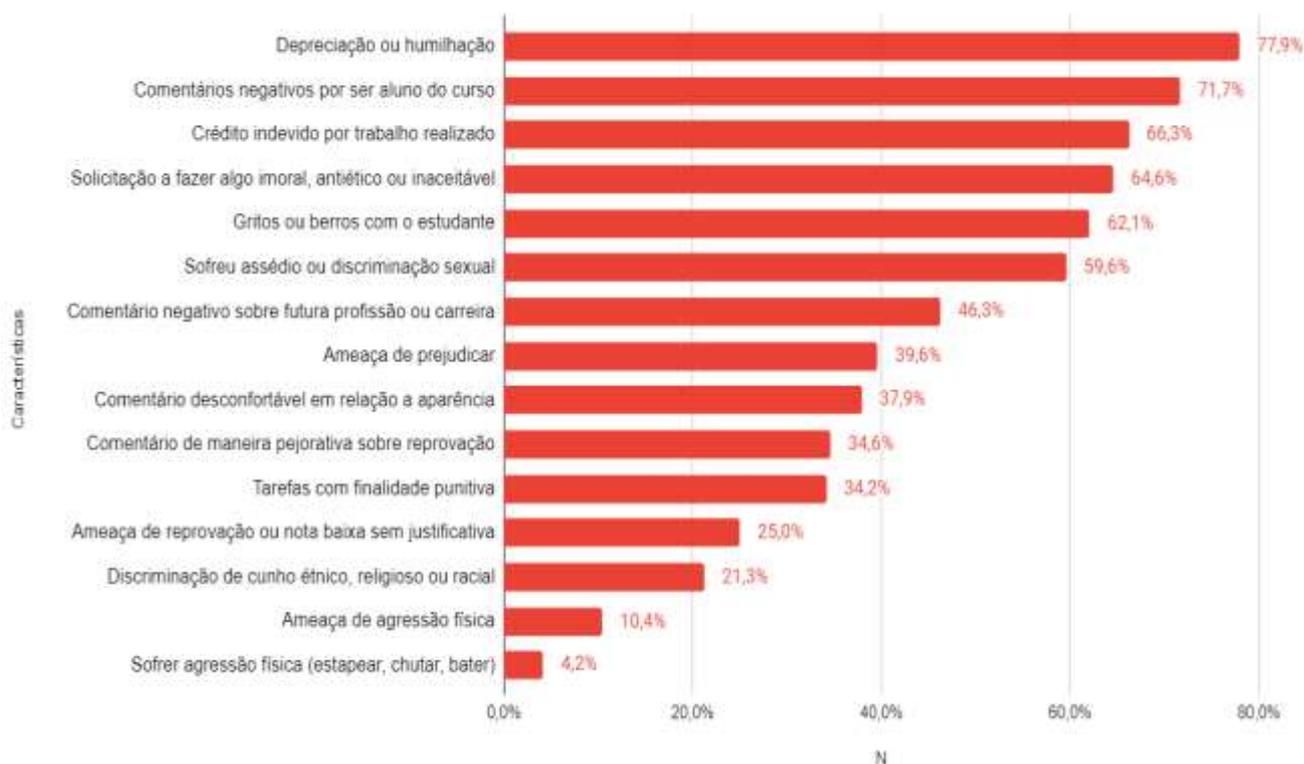
Características	N	Porcentagem (IC 95%)
Violência verbal		
Gritos ouberros com o estudante	149	62,1 (55,7-68,0)
Gerou incômodo	144	91,72 (86,2-95,2)
Frequência de gritos ouberros com algum colega	192	81,4 (75,8-85,8)
Violência psicológica		
Depreciação ou humilhação do aluno	187	77,9 (72,1-82,7)
Gerou incômodo	181	94,3 (89,9-96,8)
Frequência de depreciação/humilhação com algum colega	222	93,3 (89,2-95,8)
Tarefas com finalidade punitiva	82	34,2 (28,4-40,4)
Gerou incômodo	77	78,6 (69,2-85,7)
Frequência de tarefas punitivas com algum colega	128	55,4 (48,9-61,7)
Receber crédito indevido por trabalho realizado pelo aluno	159	66,3 (60,0-72,0)
Gerou incômodo	143	85,1 (78,8-89,8)
Frequência de situação semelhante com algum colega	201	86,6 (81,6-90,5)
Ameaça de prejudicar	95	39,6 (33,5-45,9)
Gerou incômodo	87	78,4 (69,6-85,2)
Frequência de ameaças de prejuízo com algum colega	139	60,2 (53,7-66,3)
Comentário que gerou desconforto em relação a aparência	91	37,9 (31,9-44,3)
Gerou incômodo	85	76,6 (67,7-83,6)
Frequência de comentários sobre aparência de algum colega	184	80,3 (74,6-85,0)
Ameaça de reprovação ou nota baixa sem justificativa	60	25,0 (19,9-30,9)
Gerou incômodo	54	67,5 (56,3-77,0)
Frequência de ameaça de reprovação com algum colega	119	51,7 (45,2-58,2)
Comentário de maneira pejorativa sobre reprovação	83	34,6 (28,8-40,9)
Gerou incômodo	75	78,1 (68,6-85,4)
Frequência de comentários de algum colega	166	72,2 (66,0-77,6)
Comentário negativo sobre futura profissão ou carreira científica	111	46,2 (40,0-52,6)
Gerou incômodo	93	74,4 (65,9-81,4)
Frequência de comentários negativos com colegas	159	68,2 (61,9-73,9)
Comentários negativos por ser aluno do curso	172	72,9 (66,8-78,2)
Solicitação de fazer algo imoral, antiético ou inaceitável	155	64,6 (58,2-70,4)
Ameaça de agressão física	25	10,4 (7,1-15,0)
Gerou incômodo	21	36,2 (69,6-85,2)
Frequência de ameaças de agressão com algum colega	78	33,9 (28,0-40,3)
Discriminação de cunho étnico, religioso ou racial	51	21,2 (16,5-26,9)
Gerou incômodo	45	58,4 (46,9-69,1)
Frequência de discriminação étnica, religiosa ou racial com colega	162	70,1 (63,9-75,7)
Formas de manifestação:		
Oportunidades negadas	9	18,7 (9,832,9)
Comentários inadequados sem relação a raça ou a etnia	32	66,7 (51,8-78,9)
Material de ensino com conteúdo racista	4	8,3 (3,0-20,8)
Fofoca maliciosa	24	50,0 (35,7-64,2)
Favoritismo	13	27,1 (16,1-41,8)
Prejuízo em avaliações	5	10,4 (4,3-23,3)
Violência física		
Sofrer agressão física (estapear, chutar, bater)	10	4,2 (2,2-7,6)
Gerou incômodo	11	24,4 (13,7-39,6)
Frequência de ameaças de agressão com algum colega	64	27,8 (22,4-34,1)
Formas de manifestação:		
Oportunidades Negadas	28	19,9 (14,0-27,4)
Recompensas em trocas de favores sexuais	6	2,2 (1,9-9,2)
Avanços de cunho sexual	42	29,8 (22,7-37,9)
Comentários sexistas	126	89,4 (83,0-93,5)

Características	N	Porcentagem (IC 95%)
Material de ensino com conteúdo sexista	38	26,9 (20,2-35,0)
Fofoca maliciosa	73	51,8 (43,4-60,0)
Favoritismo	70	49,6 (41,4-57,9)
Prejuízo em avaliações	21	14,9 (9,9-21,9)
Perpetradores		
Colegas	214	89,2 (84,5-.92,5)
Professor (a)	209	87,1 (82,2-90,8)
Residentes	78	32,5 (26,8-38,7)
Preceptor (a)	113	47,1 (40,8-53,5)
Médico (a)	127	52,9 (46,5-59,2)
Enfermeiro (a)	74	30,8 (25,3-37,0)
Outros profissionais	60	25,0 (19,9-30,9)
Pacientes	108	45,0 (38,8-51,4)
Outros	39	16,3 (12,1-21,5)

Fonte: Santos TL, et al., 2025.

O **Gráfico 1** demonstra, em ordem de frequência, as distintas formas de violência às quais os alunos foram submetidos. Observa-se que a humilhação ou depreciação foi a mais frequente com 77,9% e que a agressão física foi a forma menos frequente, relatada por 4,2% dos respondentes.

Gráfico 1 - Formas de violência, em ordem de frequência, percebidas pelos alunos pesquisados em Minas Gerais (N = 237).



Fonte: Santos TL, et al., 2025.

O estudo investigou a frequência de diferentes tipos de violência—verbal, psicológica, sexual e física—entre estudantes de medicina em Minas Gerais, analisando variáveis demográficas e acadêmicas (Tabela 3). A violência verbal foi mais frequentemente relatada por mulheres (63,2%), estudantes bissexuais ou homossexuais (70,3%), aqueles que se auto declararam negros (71,4%) e solteiros (70,4%), sendo este último estatisticamente significativo. Estudantes que se consideravam acima do peso (69,6%) ou insatisfeitos com a

aparência (68,9%) também relataram maior incidência. A violência verbal foi mais alta durante o internato (72,6%) em comparação com os ciclos básico e clínico (58,4%), diferença estatisticamente significativa, e entre aqueles com reprovações acadêmicas (70,5%).

A violência psicológica mostrou alta ocorrência geral, sendo relatada por 96,2% das mulheres e 87,5% dos homens, com diferença estatisticamente significativa. Todos os estudantes negros (100%) reportaram essa forma de violência. Foi mais frequente no internato (95,2%), entre solteiros, e entre aqueles com pais possuindo ensino superior. Estudantes que se consideravam acima do peso (97,5%) ou insatisfeitos com a aparência (97,0%) também apresentaram taxas mais altas, esta últimas endoestatisticamente significativa. A violência psicológica foi universal entre aqueles com reprovações acadêmicas (100%).

A violência sexual foi mais relatada por mulheres (67,6%), e por estudantes bissexuais ou homossexuais (67,6%). Novamente, estudantes negros relataram maior frequência (71,4%). Foi mais comum entre aqueles no internato (66,1%), solteiros e com pais de ensino superior, ambos estatisticamente significativos. Estudantes que se consideravam acima do peso (73,4%) ou insatisfeitos com a aparência (68,2%) também relataram maiores incidências.

A violência física, embora menos frequente, foi mais relatada por homens (7,1%), estudantes bissexuais ou homossexuais (8,1%) e solteiros (6,1%). Houve diferença estatisticamente significativa entre estudantes com pais de ensino superior (7,3%) e aqueles que se consideravam acima do peso (8,9%). A violência física foi ligeiramente mais frequente em metodologias de ensino PBL e mista (4,9%) e entre estudantes com reprovação acadêmicas (6,8%).

Tabela 3: Análise estratificada da frequência de violência verbal, psicológica, sexual e física conforme as características da amostra

Características		Violência Verbal		Violência psicológica		Violência sexual		Violência Física	
		Frequência	p*	Frequência	p*	Frequência	p*	Frequência	p*
Sexo	Feminino	63,2	0,566	96,2	0,016	67,6	<0,001	3,3	0,187
	Masculino	58,9		87,5		33,9		7,1	
Orientação sexual	Heterossexual	60,7	0,270	94,0	0,893	58,2	0,286	3,5	0,191
	Bi ou Homossexual	70,3		94,6		67,6		8,1	
Autoidentificação racial	Negro	71,4	0,714	100,0	1,000	71,4	0,705	0,0	0,739
	Outros	62,1		94,0		59,5		4,3	
Ciclo do curso	Internato	72,6	0,048	95,2	0,698	66,1	0,223	3,2	0,499
	Básico e Clínico	58,4		93,8		57,3		4,5	
Presença de companheiro(a)	Solteiro	70,4	0,032	95,9	0,330	64,3	0,242	6,1	0,179
	Casado ou Namoro	56,7		92,9		56,7		2,8	
Método de ensino	Tradicional	68,1	0,108	94,1	0,755	61,8	0,500	3,7	0,433
	PBL e misto	68,3		95,1		57,4		4,9	
Reprovação	Sim	70,5	0,205	100,0	0,068	70,5	0,104	6,8	0,270
	Não	60,2		92,9		57,1		3,6	
Considera-se acima do peso	Sim	69,6	0,085	97,5	0,124	73,4	0,003	8,9	0,017
	Não	58,1		92,5		53,1		1,9	
Satisfação com aparência	Sim	53,3	0,014	90,5	0,031	48,6	0,002	2,9	0,289
	Não	68,9		97,0		68,2		5,2	
É ou foi atendido por NAPEM	Sim	57,1	0,648	100,0	0,230	52,4	0,503	0,0	0,390
	Não	62,2		93,5		59,9		4,6	
Acompanhamento psicológico	Sim	66,7	0,059	94,7	0,670	68,7	<0,001	2,7	0,123
	Não	54,4		93,3		44,4		6,7	
Uso de medicação saúde mental	Sim	66,4	0,235	94,4	0,832	65,6	0,080	4,8	0,445
	Não	58,9		93,7		54,5		3,6	
Beber compulsivamente	Sim	66,7	0,539	97,2	0,396	44,4	0,045	5,6	0,458
	Não	61,3		93,6		62,3		3,9	

* estimado

Fonte: Santos TL, et al., 2025.

DISCUSSÃO

Na percepção dos participantes do estudo, situações de abusos, maus-tratos e outras formas de agressões ao estudante são frequentes durante a graduação em medicina. A forma de violência mais frequente encontrada no estudo foi a depreciação ou humilhação e os principais perpetradores foram os próprios colegas, seguidos de perto pelos professores. Foram identificados padrões específicos de vulnerabilidade associados ao gênero, orientação sexual, insatisfação com a aparência e estado civil.

A ocorrência de violência verbal foi mais prevalente entre as mulheres (63,2%) do que entre os homens (58,9%), embora sem significância estatística. Estudos confirmam que mulheres em cursos com hierarquia rígida, como a medicina, são mais suscetíveis a abusos verbais e psicológicos (SILLER H, et al., 2017). Estudantes solteiros também relataram mais violência verbal (70,4%) em comparação com os que estão em um relacionamento (56,7%), sugerindo que a falta de suporte social pode aumentar a vulnerabilidade a conflitos interpessoais (FRANK E, et al., 2006). A violência psicológica, como a humilhação, foi a forma mais comum de abuso (77,9%), alinhada com estudos que indicam uma alta ocorrência desse tipo de violência em cursos de medicina globalmente (RAUTIO A, et al., 2005). Esse tipo de abuso tem sérias consequências, incluindo depressão.

A violência psicológica foi mais prevalente entre as mulheres (96,2%) e indivíduos que se identificam como bissexuais ou homossexuais (94,6%), refletindo o impacto de estruturas de poder dominadas por homens e pela heteronormatividade no ambiente acadêmico (GELDOLF M, et al., 2021). Além disso, a insatisfação com a aparência também mostrou alta correlação com a violência psicológica (97,0%), o que é consistente com estudos que ligam a insatisfação corporal a maior vulnerabilidade a bullying e abusos emocionais (SANTOS MM, et al., 2021). A pressão social por padrões de beleza, amplificada pelas redes sociais, pode aumentar o risco de violência psicológica.

O estudo também destacou a alta ocorrência de comentários negativos sobre a escolha profissional (46,3%) e por serem estudantes de medicina (71,7%), formas de violência que podem ter consequências negativas duradouras, como insatisfação com a profissão, uso de álcool e desenvolvimento de transtornos alimentares e mentais (FNAIS N, et al., 2014; FRANK E, et al., 2006).

Comportamentos como o consumo elevado de álcool foram observados entre os estudantes, com 1,3% consumindo quatro vezes ou mais por semana, e 13,7% consumindo de duas a três vezes por semana. Os dados sobre violência sexual mostraram uma disparidade significativa entre homens (33,9%) e mulheres (67,6%), um achado comum em várias investigações sobre assédio sexual no ambiente acadêmico (FRANK E, et al., 2006).

Esse padrão reflete a vulnerabilidade das mulheres à violência sexual em ambientes onde a hierarquia é intensa e o poder muitas vezes está concentrado nas mãos de homens. A literatura mostra que as mulheres em cursos de medicina relatam mais frequentemente episódios de assédio e abuso sexual do que seus colegas homens, muitas vezes por parte de colegas de maior hierarquia, como professores ou residentes (SILLER H, et al., 2017).

Estudantes que se identificam como bissexuais ou homossexuais também apresentaram alta ocorrência de violência sexual (67,6%), similar ao grupo de mulheres. Estudos recentes indicam que a discriminação e o assédio baseados na orientação sexual são problemas sérios em ambientes acadêmicos, especialmente para grupos LGBTQIA+, que são frequentemente marginalizados (GELDOLF M, et al., 2021). Essa violência pode contribuir para o afastamento desses grupos do ambiente acadêmico ou para o desenvolvimento de problemas psicológicos graves, como depressão e ansiedade.

A insatisfação com a aparência também foi um fator associado a uma maior ocorrência de violência sexual (68,2%). A literatura sugere que estudantes que se veem fora dos padrões de Beleza estabelecidos pela sociedade podem ser alvo de abusos, incluindo assédio sexual, especialmente em ambientes competitivos e estressantes como a faculdade de medicina (PEREIRA MEA, 2020). Além disso, estudantes que se consideravam acima do peso relataram uma taxa significativamente maior de violência sexual (73,4%) e física

(8,9%), o que confirma estudos que relacionam a percepção corporal negativa à maior exposição a diferentes formas de abuso (BELEM IC, et al., 2016).

Embora menos frequente que as outras formas de violência, a violência física também apresentou um padrão preocupante, sendo mais comum entre os homens (7,1%) e entre os estudantes que se identificam como bissexuais ou homossexuais (8,1%). A literatura confirma que, embora menos relatada, a violência física não é incomum em ambientes hierarquizados como o da medicina, onde alunos mais vulneráveis podem ser alvo de agressões físicas ou intimidações por parte de seus colegas ou superiores (FRANK E, et al., 2006).

Apesar dos altos índices de violência e abuso, apenas 2,5% dos alunos relataram insatisfação com o curso, um dado que difere do estudo de Barreto LF, et al. (2015), no qual 20,5% dos estudantes relataram insatisfação. Tal discrepância pode sugerir que, mesmo diante de experiências adversas, os estudantes de medicina tendem a demonstrar uma resiliência profissional elevada, talvez motivada pela natureza competitiva e exigente da profissão.

Contudo, a falta de conhecimento sobre recursos de suporte psicológico é um problema significativo. No presente estudo, 67,2% dos estudantes desconheciam a existência de instâncias de acolhimento psicológico, revelando uma falha institucional em proporcionar o devido suporte mental, algo também observado por Silva MAM, et al. (2017).

Os principais perpetradores de abusos foram os próprios colegas (89,2%), seguidos pelos professores (87,1%), o que aponta para uma cultura de violência institucionalizada dentro do ambiente acadêmico. Esses dados são semelhantes aos de Barreto A, et al. (2015), que também identificaram os colegas como os principais agressores. A violência sexual, em particular, foi mais prevalente entre as mulheres (67,6%), o que está em conformidade com estudos que indicam uma maior vulnerabilidade das mulheres a esse tipo de violência no ambiente universitário (SILLER H, et al., 2017).

Importante ressaltar que a atual pesquisa não tem poder de generalizar seus resultados para a comunidade de alunos de medicina brasileiros, já que a amostra é pequena e os alunos não foram randomizados. Mas comparando esse estudo com a literatura estudada, observa-se uma coerência com os resultados de estudos com amostras maiores, de estudos nacionais ou internacionais, o que parece sugerir boa validade interna e relativa capacidade de extrapolação dos achados.

CONCLUSÃO

Os resultados encontrados demonstram alta frequência de abusos, maus tratos e agressões durante a graduação entre os alunos pesquisados. Os tipos de agressões relatadas mais frequentemente foram a depreciação ou humilhação seguida dos comentários negativos por ser aluno do curso. Os principais perpetradores de violência foram os próprios alunos seguido pelos professores. Os dados apresentados revelam uma complexa rede de fatores que influenciam a ocorrência de diferentes tipos de violência no ambiente acadêmico de medicina. Gênero, orientação sexual, insatisfação com a aparência e suporte psicológico emergem como variáveis-chave associadas à exposição à violência, corroborando achados recentes da literatura. Esses resultados reforçam a necessidade de políticas institucionais que promovam a inclusão, a saúde mental e a segurança dos estudantes, além de estratégias específicas para mitigar as vulnerabilidades identificadas, particularmente para grupos marginalizados e vulneráveis como mulheres e pessoas LGBTQIA+.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Esse artigo foi fruto de pesquisa conduzida pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Curso de Medicina da Universidade Professor Edson Antônio Velano - UNIFENAS, Campus de Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

1. BALDWIN JÚNIOR DC, et al. Student perceptions of mistreatment and harassment during medical school: a survey of ten United States schools. *Western Journal of Medicine*, 1991;155(2):140-145.
2. BARRETO LF, et al. Prevalência e fatores associados à violência no ambiente acadêmico durante o curso médico em uma universidade pública do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2015;39(3):330-336.
3. BELEM IC, et al. Associação entre comportamentos de risco para a saúde e fatores sociodemográficos em universitários de educação física. *Motricidade*, 2016;12(1): 3-16.
4. BENEVIDES-PEREIRA AMT e GONÇALVES MB. Transtornos emocionais e a formação em medicina: um estudo longitudinal. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2009; 33(1):10-23.
5. CONCEIÇÃO LS, et al. Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: um revisões sistemática da literatura. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 2019, 24(3): 785-802.
6. FNAIS N, et al. Harassment and discrimination in medical training: a systematic review and meta-analysis. *Academic Medicine*, 2014;89(5): 817-827.
7. FRANK E, et al. Experiences of belittlement and harassment and their correlates among medical students in the United States: longitudinal survey. *BMJ*, 2006; 333(7570): 682.
8. GELDOLF S, et al. Impact of gender and sexual orientation on mental health among medical students: a global survey. *BMC Medical Education*, 2012; 21(1): 130-139.
9. HILL MR, et al. In their own words: stressors facing medical students in the millennial generation. *Medical Education Online*, 2018;23(1): 1530558.
10. HSIAOCJ, et al. Sexual harassment experiences across the academic medicine hierarchy. *Cureus*, 2021;13(2): e13508.
11. ISEN AM, et al. The influence of positive affect on clinical problem solving. *Medical Decision Making*, 1991;11(3): 221-227.
12. LEISY HB e AHMADMJ. Altering Workplace Attitudes for Resident Education: Discovering Solutions for Medical Resident Bullying through Literature Review. *BMC Medical Education*, 2016; 16(1): 127-137.
13. LIMA MCP, et al. Prevalence and risk factors of common mental disorders among medical students. *Revista de Saúde Pública*, 2006; 40(6): 1035-1041.
14. LOPES NETO AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 2005; 81(5): 164-172.
15. MARQUES FA. Body dissatisfaction and common mental disorders in adolescents. *Revista Paulista de Pediatria*, 2012; 30(4): 553-561.
16. NASSIFA CN. Escolas médicas do Brasil. Estatísticas nacionais. Blog. 2019. Disponível em: <https://www.escolasmedicas.com.br/estatisticas-nacionais.php>. Acesso em: 20 maio 2021.
17. PEREIRA MEA. Ansiedade, depressão e ideação suicida em estudantes de um curso de medicina da capital mineira: prevalência e fatores associados. Tese (Mestrado em Ensino em Saúde) - Universidade José do Rosário Vellano, Belo Horizonte, 2020. 94f
18. RAUTIO A, et al. Mistreatment of university students most common during medical studies. *BMC Medical Education*, 2005; 5(1): 36-48.
19. SANTOS MM, et al. Comportamento alimentar e imagem corporal em universitários da área de saúde. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 2021; 70(2): 126-133.
20. SILLER H, et al. Gender differences and similarities in medical students' experiences of mistreatment by various groups of perpetrators. *BMC Medical Education*, 2017;17(1): 134-142.
21. SILVA MAM, et al. Percepção dos professores de medicina de uma escola pública brasileira em relação ao sofrimento psíquico de seus alunos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2017; 41(4): 584-593.
22. WEISS J, et al. Medical students' demographic characteristics and their perceptions of faculty role modeling of respect for diversity. *JAMA Network Open*, 2021;4(6) e2112795.